

# CLIPPING

02/2020  
31 de Janeiro de 2020

## EDUCAÇÃO

- Grupo A Educação compra fatia da Algetec, de laboratórios de ensino, por R\$ 5 milhões
- Novos cursos de pós-graduação incluem excursão internacional de curta duração
- Cursos ensinam educadores a colocar estudantes no centro da aprendizagem
- Cursos de pós-graduação ensinam criatividade, empatia e trabalho em grupo
- Faculdades trocam monografia por projetos práticos e criação de empresas
- MBAs da China ganham espaço



## Grupo A Educação compra fatia da Algetec, de laboratórios de ensino, por R\$ 5 milhões

Voltada a soluções de educação, o Grupo A comprou parte da Algetec, que desenvolve laboratórios físicos e virtuais para ensino nas áreas de saúde e engenharia. A aquisição aconteceu após a Kinea, gestora de fundos de private equity do Itaú Unibanco, arrematar uma fatia de cerca de 40% do Grupo A, em dezembro de 2018. O objetivo é desenvolver soluções educacionais mais completas.

**Fonte: Estadão**



## Novos cursos de pós-graduação incluem excursão internacional de curta duração

### **MBA oferece experiências de apenas uma semana no exterior, com aulas e visitas a empresas**

Pós-graduações com vivências internacionais de curta duração no currículo vêm se consolidando como uma alternativa para profissionais que não dispõem de tempo (ou simplesmente vontade) de passar longos períodos no exterior.

“Um profissional que vai para fora normalmente fica exposto a um ambiente de negócios mais dinâmico. Mas muitas vezes é difícil abrir mão de uma carreira consolidada no Brasil”, afirma Michel Hannas, sócio da recrutadora de executivos Spencer Stuart.

A médica Aline Amorim, 43, já havia migrado para a área executiva há cinco anos quando sentiu necessidade de se atualizar. Como não queria pausar a carreira e ficar longe dos filhos, morar fora do Brasil não estava nos seus planos.

Optou pelo oneMBA da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que concluiu em 2018. Ao longo dos 21 meses de curso, além das aulas em São Paulo, ela fez trabalhos com colegas de mais de 20 nacionalidades e teve quatro residências acadêmicas fora do país.

A pós-graduação é ministrada em parceria com instituições estrangeiras.

“Para mim, era importante ter contato com outras culturas, outras formas de pensar”, diz Amorim, que é gerente de negócios do laboratório Fleury.

Assim como a FGV, diversas instituições oferecem cursos nessa modalidade. No exterior, os alunos participam de atividades que vão de aulas em universidades a visitas a empresas e executivos.

O Insper lançou recentemente o MBA executivo internacional, que inclui “jornadas de aprendizado” de até 11 dias em Vale do Silício (EUA), Israel, França, China e Singapura.

As viagens são realizadas nos intervalos entre os trimestres. Duas delas são obrigatórias e escolhidas logo no início do curso e outras duas são opcionais.

São destinos com mercados relevantes e onde há muita coisa interessante surgindo, afirma Rodrigo Amantea, coordenador acadêmico de educação executiva do Insper.

O gerente industrial Daniel Lobo, 44, participou de duas das vivências durante a pós, que concluiu no ano passado.

“Optei por EUA, pela ótima reputação do sistema de ensino americano, e China, para conhecer uma economia que transita entre o socialismo e o capitalismo”, afirma Lobo.

Em cursos stricto sensu (mestrado e doutorado), o modelo sanduíche, com parte das aulas em outro país, é mais comum. As temporadas no exterior tendem a ser mais longas, indo de 6 a 24 meses.

A Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, por exemplo, mantém parcerias com diversas universidades estrangeiras.

Qualquer aluno que se interessar por um trabalho desenvolvido em uma dessas instituições pode se candidatar a um intercâmbio.

Um dos programas mais procurados é o da rede Cluster, que engloba 17 universidades em países como Finlândia, Suíça e Canadá.





Uma das vantagens é o valor. Enquanto os cursos das instituições públicas são gratuitos, os MBAs com currículos internacionais podem custar mais de R\$ 200 mil.

Por isso, a recomendação de recrutadores é que os interessados avaliem o momento certo de fazer o investimento.

“Não adianta ter uma imersão em temas sofisticados da carreira se o profissional ainda não tem experiência suficiente”, afirma Thiago Pimenta, sócio da empresa de recrutamento Flow.

Justamente para evitar turmas de alunos muito díspares, as instituições selecionam profissionais que já tenham uma bagagem no mercado de trabalho, com ao menos cinco anos de atuação em cargos gerenciais ou de liderança.

**Fonte: Folha de SP**



## Cursos ensinam educadores a colocar estudantes no centro da aprendizagem

### **Nova base curricular exige conhecimento de metodologias ativas, que tiram o foco do conteúdo**

A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) entra em vigor neste ano e coloca o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos no centro do currículo das escolas do ensino infantil ao médio. Para se adaptar ao novo modelo padrão de aulas, professores têm buscado cursos de pós-graduação que ofereçam ferramentas chamadas metodologias ativas de construção de conhecimento, em que o aluno colabora no processo de aprendizagem, como os trabalhos em equipe.

“A BNCC propõe uma inversão. Antes, o conteúdo era o centro da aula. Agora o processo de aprendizagem do aluno está no centro”, explica Neide Noffs, coordenadora de pós-graduação de pedagogia na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

A universidade criou um curso de extensão voltado ao ensino da leitura na perspectiva da BNCC, com foco na cooperação entre os alunos.

O Instituto Vera Cruz é outro a oferecer pós-graduação para os pedagogos que queiram se adaptar ao modelo.

“Toda escola quer formar alunos críticos. Mas como eu vou formar essas crianças é o que vai fazer a diferença”, diz Adriana Melo Ramos, coordenadora do curso, que foca nas relações interpessoais na escola e nas competências socioemocionais.

Para Ramos, a clássica metodologia da aula expositiva de 40 minutos já não faz mais sentido em uma classe com alunos cada vez mais conectados e expostos a informações em excesso.

A professora de informática Carla Silva, 43, está na fase final do curso. Ela sentia que suas aulas eram muito focadas no conteúdo e deixavam passar questões trazidas pelos alunos do ensino fundamental na escola pública Marechal Espiridião Rosas, na zona oeste de São Paulo.

Nas aulas, Silva aprendeu técnicas para trazer as necessidades dos estudantes para dentro da sala.

Como a roda de conversas, em que se senta com os alunos para definir as regras de convivência na classe. Os próprios estudantes indicam o que é bom para o desenvolvimento da aula e o que atrapalha. “É um outro jeito de enxergar e gerir a sala de aula. A gente constrói junto. Eu trago uma proposta, eles fazem pesquisas e trazem sugestões. O ambiente fica mais leve porque a postura dos alunos é diferente. Eles se sentem parte do momento”, diz Silva.

A diretora pedagógica da Saber, um dos braços da Cogna Educação, Juliana Diniz, vê uma mudança sem volta para os profissionais da área. Para ela, o professor não é mais a fonte de saber do aluno, mas sim um construtor de sentidos, o que exige desse profissional uma postura mais aberta.

O grupo Cogna oferece os cursos a distância “BNCC em ação” e “metodologias ativas e tópicos [tecnologias digitais de informação e comunicação] na Educação”, voltados à formação desse novo perfil de profissional.

**Fonte: Folha de SP**



<http://www.gnblaw.com.br/>

## Cursos de pós-graduação ensinam criatividade, empatia e trabalho em grupo

### **Escolas deixam tecnologia de lado e se concentram em habilidades emocionais**

Em um mercado influenciado pela automação, análise de grande volume de dados e inteligência artificial, profissionais de diversas áreas estão buscando desenvolver o que nenhuma máquina tem: habilidades emocionais. Para atender a essa demanda, instituições de ensino vêm investindo em cursos de pós-graduação com foco nas chamadas soft skills.

Há cursos que visam melhorar a capacidade de comunicação, dar mais flexibilidade, promover a empatia, aumentar e gerir a criatividade. No MBA em desenvolvimento humano de gestores da Fundação Getulio Vargas (FGV), até o autoconhecimento entra na grade.

“A questão humana vem ganhando mais peso com as novas tecnologias, porque o trabalho atual depende das emoções”, diz Edmarson Mota, coordenador do curso. “Para apertar um parafuso numa fábrica, não importava se o funcionário estava de bom ou mau humor. Mas terceirizamos para as máquinas o trabalho das nossas mãos e agora estamos terceirizando o intelecto. O que nos sobra são as habilidades emocionais, o lado mais humano.”

O MBA usa, além de aulas expositivas, jogos, dramatizações e discussões de situações-problema. Andrea Renó, 45, que lidera 20 pessoas na equipe de atendimento ao cliente do hospital Albert Einstein, é uma das alunas desse programa.

De acordo com ela, o objetivo era “se desenvolver como pessoa para ser uma profissional melhor”.

Na lista de habilidade procuradas pelos profissionais, também entra a criatividade.

“O pensamento crítico e a criatividade passaram a ser indispensáveis em qualquer área. A tecnologia vai nos ajudar muito, mas um robô nunca vai sentir”, afirma Marcia Auriani, coordenadora da pós-graduação em gestão da economia criativa, oferecida há cinco anos pela Belas Artes.

O curso tem disciplinas como teamwork (trabalho em equipe) e liderança criativa. Segundo Auriani, gente de diversas áreas está percebendo essa mudança. A instituição, tradicionalmente ligada às artes, passou a receber alunos com formações variadas, como advogados e médicos.

“Quem nos procura são profissionais que precisam ser criativos, ter visão estratégica, saber trabalhar em equipe e ter inteligência emocional”, afirma Auriani.

É o caso da arquiteta Alana Miranda, 30, dona de uma consultoria na área de design de serviços.

“Para lidar com pessoas, é preciso muito jogo de cintura. Quem é criativo consegue achar soluções melhores até na gestão de equipes”, afirma.

A importância crescente das habilidades emocionais está levando outras instituições de ensino a ampliar seu leque nessa área.

Neste semestre, a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) vai lançar o curso de criatividade em ambiente complexo, cuja proposta é mostrar novas formas de criar, seja no mundo das artes ou dos negócios.





Na Fundação Instituto de Administração (FIA), a novidade é a especialização gestão da subjetividade.

De acordo com Fernando de Almeida, coordenador da instituição, o ambiente cada vez mais complexo nas empresas é um dos motivos que levou à criação do curso.

“As empresas hoje tendem a ter uma hierarquia horizontal. Isso aumenta o número de interações, o número de pessoas com que cada um se comunica”, afirma Fernando de Almeida, da FIA.

A especialização tem na grade disciplinas com nomes como espiritualidade nas organizações e criatividade, sensibilidade e inovação.

Rubens Bresciane, coordenador do curso de gestão da subjetividade, diz que a tecnologia multiplicou as possibilidades de relações, mas os processos humanos se mantêm.

“A colaboração pressupõe a confiança e alguma identificação com o outro. Não adianta um chefe montar uma equipe e dizer: ‘Agora colaborem’. É um processo humano no qual não dá para pular etapas.”

**Fonte: Folha de SP**



## Faculdades trocam monografia por projetos práticos e criação de empresas

### **Programas ajudam profissional a adquirir novas habilidades e ampliar sua rede de contatos**

Pós-graduação não é mais sinônimo de pesquisa acadêmica. Instituições de ensino superior têm oferecido cada vez mais cursos que complementam a teoria com experiências práticas: estágios, intercâmbios e projetos para a criação de empresas.

Na Universidade Presbiteriana Mackenzie, todos os cursos lato sensu passaram neste ano a exigir um trabalho aplicado em vez da tradicional monografia. Os alunos identificam um problema real da área ou empresa em que atuam e propõem uma solução a partir do que aprenderam durante as aulas.

A mudança aconteceu para atender a demandas tanto do mercado quanto dos estudantes, segundo a coordenadora de educação continuada da instituição, Natacha Bertoia.

“A gente tem um contato direto com as empresas e elas cada vez mais querem que os cursos tragam uma abordagem prática. Além disso, muitos alunos reclamavam que não viam sentido em fazer uma monografia se não iam seguir uma carreira acadêmica”, afirma.

É uma percepção similar à de Guilherme Luiz Pereira, diretor dos MBAs da Fiap (Faculdade de Informática e Administração Paulista). Nas pós-graduações da instituição, além de frequentar as aulas, os alunos devem desenvolver um projeto de startup com a orientação dos professores.

“Quando as empresas vêm falar com a gente, fica claro que valorizam as competências criativas e empreendedoras.

Mais do que um técnico, eles querem alguém que seja pró-ativo, saiba gerar impacto. O melhor jeito de desenvolver isso é resolvendo um problema real”, diz Pereira.

A abordagem prática foi um dos fatores que levaram o designer Pedro Rocha, 29, a pedir demissão de seu emprego e abrir a própria empresa. Ele foi aluno do MBA de inovação em negócios da Fiap.

“Quando eu entrei no curso, estava pensando mais em progressão de carreira, em ter um MBA no currículo. Mas ao longo do ano foi crescendo essa vontade em mim de empreender”, afirma.

Para seu projeto de fim de curso, ele criou o aplicativo Meu Chapa, que intermedeia a contratação de “chapas” (carregadores) por caminhoneiros.

A ideia foi selecionada para o StartupOne de 2019, uma competição entre os melhores trabalhos da faculdade na qual os alunos apresentam seus projetos para uma banca de empresários, executivos e investidores.

A empresa Meu Chapa não ganhou o primeiro lugar na competição, mas atraiu a atenção da gigante de tecnologia IBM, que tinha um representante entre os avaliadores. A multinacional acabou incluindo a startup em seu programa de aceleração.

Desde então, Rocha deixou seu emprego na área de inovação de uma rede de supermercados e se prepara para lançar em março a primeira versão do aplicativo.





Para Danilca Galdini, diretora de tendências da Na FGV, os cursos de pós-graduação em negócios consultoria Cia de Talento, a chance de ter são ministrados por executivos com experiência contato com profissionais do mercado é uma em suas áreas, que são ainda estimulados a levar vantagem dessas pós “mão na massa”. Outro exemplos de casos reais para a sala de aula.

ponto positivo é que o aluno pode adquirir novas habilidades. Mesmo que o plano seja continuar como empregado e não empreender.

Na Mackenzie, os cursos da área de negócios já tinham projetos práticos na grade há vários anos.

A universidade resolveu expandir a ideia para todos os currículos depois que, em 2018, uma portaria do MEC (Ministério da Educação) desobrigou as instituições de ensino de exigirem uma monografia nas pós lato sensu, o que abriu espaço na grade para um trabalho final aplicado.

A pós-graduanda Natasha Stephano, 32, estuda arquitetura, cidade e desenvolvimento imobiliário na instituição e diz que aprova a ênfase prática.

Ela ainda não sabe o que vai fazer como projeto final, mas pretende se aprofundar na área em que já trabalha no seu escritório de arquitetura: habitação social. Para o diretor de educação executiva da FGV (Fundação Getulio Vargas), Paulo Lemos, a tendência de expansão dos cursos práticos é uma correção do que considera uma distorção do mercado de educação brasileiro. No Brasil, criou-se uma tradição de mestrados mais acadêmicos, que é diferente do que acontece em países como Estados Unidos e Reino Unido, onde a maior parte dos cursos é voltada para a prática, afirma Lemos.

Para quem pretende voltar para o mercado, um mestrado apenas teórico faz menos sentido, avalia o diretor.

Galdini, da Cia de Talento, diz que não se trata de menosprezar os cursos estritamente acadêmicos —que continuam valorizados pelas empresas e podem ser a melhor opção para algumas carreiras, como aquelas mais voltadas para pesquisa.

“Mas uma coisa é dizer que você estudou um assunto, outra é falar de um projeto que você desenvolveu. Quando você conta das suas experiências concretas para potenciais empregadores, o valor de ter feito um curso fica mais claro.”

**Fonte: Folha de SP**



## MBA's da China ganham espaço

### **Número de escolas chinesas na lista do "Financial Times" de melhores cursos do mundo passou de sete para nove**

O mercado de MBAs no mundo enfrenta desafios que perpassam o questionamento ao programa de dois anos de duração e o menor número de alunos capazes de bancar o custo do programa. Esses desafios assolam principalmente as escolas de negócios americanas, que ocupam mais da metade das posições (51) do tradicional ranking de MBA do "Financial Times", divulgado esta semana.

A Harvard Business School retomou a liderança após quatro anos e é a detentora do melhor MBA do mundo, segundo o FT. Destacou-se, principalmente, pelo aumento no salário obtido por seus alunos três anos após concluírem o programa, pela sua forte comunidade de ex-alunos e pela melhoria na diversidade - o número de alunas atingiu 43%.

É seguida pela Wharton School, da Universidade da Pensilvânia, que subiu duas posições principalmente pelo impacto de sua produção acadêmica. A Stanford Business School e a francesa Insead, escolas que revezaram a liderança nos últimos anos, aparecem em terceiro e quarto lugar, respectivamente. Já a quinta posição mantém-se com a chinesa Ceibs, localizada em Xangai.

A China, aliás ganhou espaço no ranking, com duas escolas novas em relação a 2019, alcançando o mesmo número que o Reino Unido: nove instituições entre as 100 melhores.

Os ex-alunos do College of Business, da Shanghai University of Finance and Economics, apresentaram o maior aumento salarial (216%) três anos depois de terminarem o MBA. Enquanto os da Renmin University of China Business School (RMBS) conquistaram boa progressão na carreira. A análise do Ff indica que as chinesas ganharam espaço, assim como as europeias, que oferecem MBAs com um ano de duração, em um momento que as americanas acumulam queda, desde 2015, na demanda pelo programa de dois anos. A maior flexibilidade para vistos de estudo e mensalidades mais baixas do que as escolas de elite americanas também geram maior atratividade. No aspecto diversidade, o Ff destaca a Paul Merage School of Business, da Universidade da Califórnia, Irvine, onde as mulheres representam 45% do corpo docente.

**Fonte: Valor**

